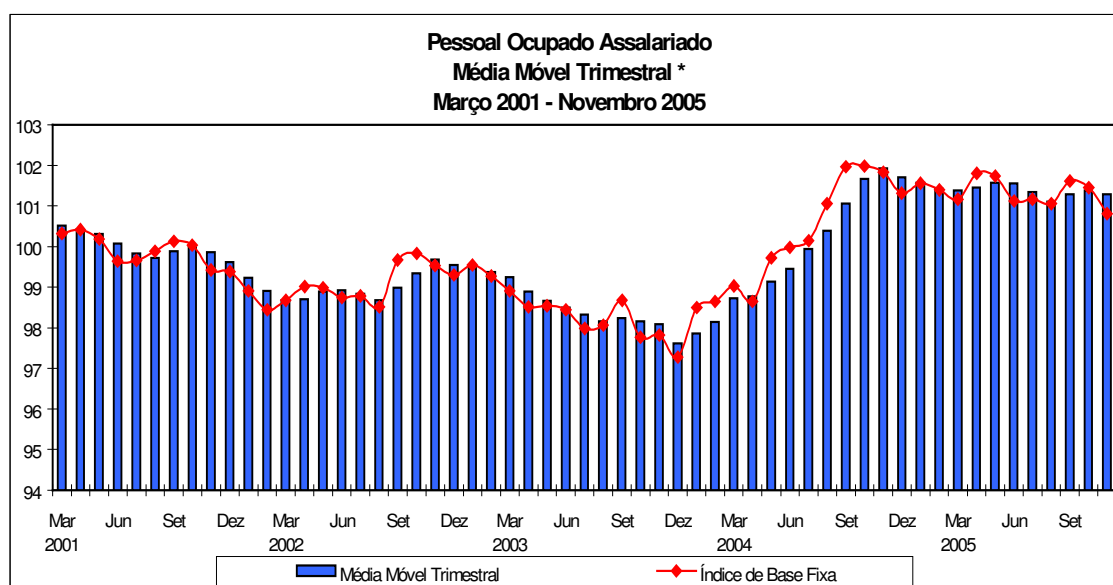


Comentários

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em novembro de 2005 o emprego industrial recuou 0,6% frente ao mês imediatamente anterior, na série livre de influências sazonais, sendo este o segundo resultado negativo consecutivo neste tipo de comparação. Com isto, o indicador de média móvel trimestral passa a apresentar redução de 0,1% entre os trimestres encerrados em outubro e novembro.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

*Série com ajuste sazonal

Em relação a novembro de 2004, também observa-se queda (-0,9%), enquanto os indicadores para períodos mais abrangentes mostraram aumento: 1,2% no acumulado no ano e 1,5% no acumulado nos últimos doze meses.

Na comparação novembro 05/ novembro 04, o nível de pessoal ocupado assalariado apresentou o terceiro decréscimo consecutivo (-0,9%), com dez dos quatorze locais e doze das dezoito atividades mostrando taxas negativas. Setorialmente, as principais pressões negativas para a formação do indicador global vieram de calçados e artigos de couro (-12,8%) e de

madeira (-16,0%). Por outro lado, alimentos e bebidas (5,4%) exerceu a maior influência positiva.

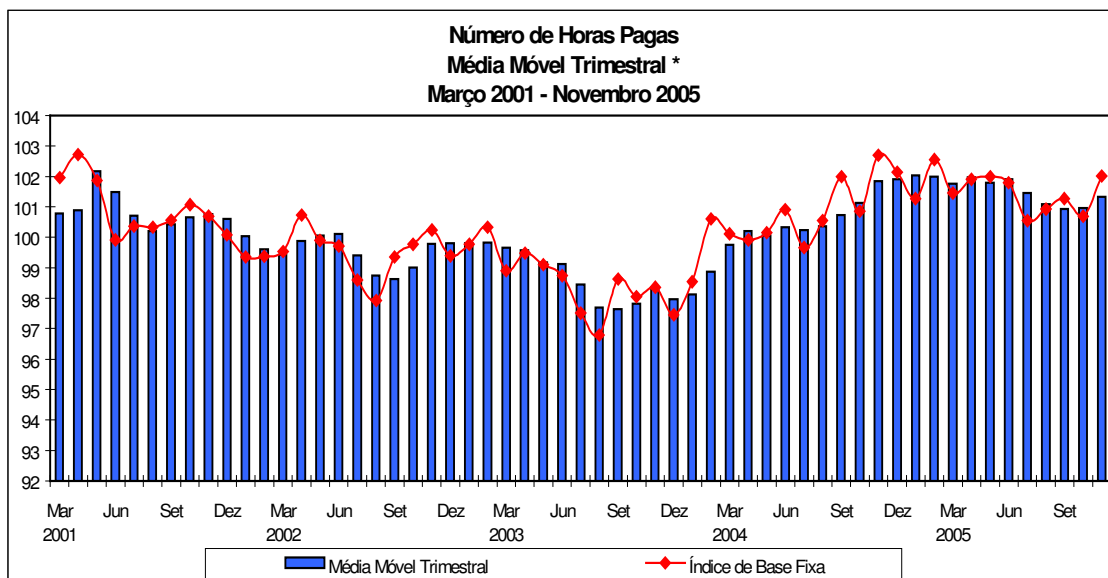
Regionalmente, ainda neste tipo de comparação, sobressaem com as maiores pressões negativas no cômputo geral, Rio Grande do Sul (-8,5%), Paraná (-3,3%) e região Nordeste (-2,0%). No primeiro local, ocorreram decréscimos em treze atividades, com calçados e artigos de couro (-19,5%) exercendo o impacto negativo mais significativo; no Paraná, o resultado mais representativo entre as dez atividades em queda veio de madeira (-23,0%). Por fim, a queda no emprego da indústria nordestina reflete, principalmente, o comportamento negativo observado em onze setores, com destaque para calçados e artigos de couro (-7,4%). Em sentido contrário, Minas Gerais (3,1%) sobressai com a maior contribuição positiva, devido, principalmente, a ampliação do emprego na indústria de alimentos e bebidas (16,8%).

O indicador acumulado no ano, frente a igual período de 2004, mostra aumento de 1,2% no contingente de trabalhadores. Entre os dez setores que apresentam resultados positivos, destacam-se alimentos e bebidas (7,1%) e meios de transporte (9,4%), enquanto pelo lado negativo, o setor de calçados e artigos de couro (-11,6%) sobressai com a queda mais expressiva. No corte regional, dez locais mostraram expansão no emprego industrial, com destaque para São Paulo (2,5%), em função, principalmente, do aumento no número de trabalhadores em alimentos e bebidas (11,9%) e em meios de transporte (10,2%). Vale citar também, o índice registrado em Minas Gerais (3,9%), em virtude, sobretudo, de produtos de metal (25,5%) e de alimentos e bebidas (5,9%). Por outro lado, Rio Grande do Sul (-6,1%), por conta da redução observada em calçados e artigos de couro (-19,8%), exerceu a maior contribuição negativa.

O indicador acumulado nos últimos doze meses mantém a trajetória de desaceleração, uma vez que passou de 1,9% em outubro para 1,5% em novembro.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em novembro de 2005, o indicador do número de horas pagas registrou crescimento de 1,3% em relação a outubro, na série livre dos efeitos sazonais. Este movimento de expansão é confirmado pelo índice de média móvel trimestral, que mostra ganho de 0,4% entre os trimestres encerrados em novembro e outubro.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

*Série com ajuste sazonal

Na comparação com igual mês do ano anterior observa-se recuo de 0,7%, sendo este o terceiro resultado negativo neste tipo de comparação. Já os indicadores para períodos mais abrangentes assinalaram acréscimo: 0,9% no acumulado no ano e 1,2% no acumulado nos últimos doze meses. Os indicadores da jornada média de trabalho também apresentaram comportamentos distintos, enquanto o mensal registou alta (0,3%), os acumulados, no ano e nos últimos doze meses, recuaram: -0,3% e -0,2%, respectivamente.

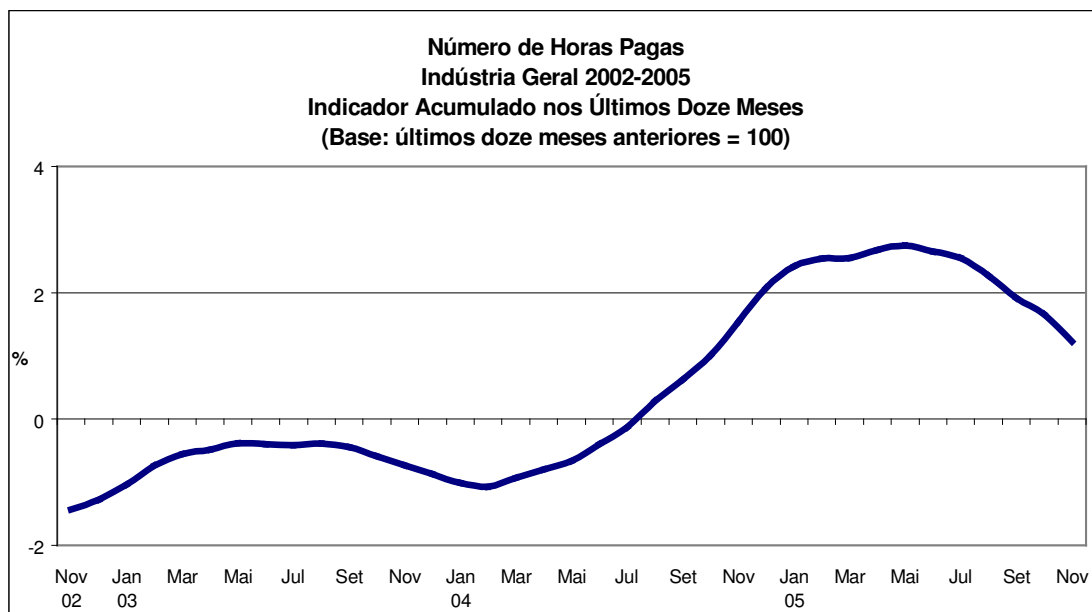
O número de horas pagas na indústria, segundo a comparação novembro 05/ novembro 04, recua 0,7%, em decorrência sobretudo do desempenho negativo observado em dez dos quatorze locais e em doze das dezoito atividades pesquisadas. Setorialmente, os maiores decréscimos vieram das indústrias de calçados e artigos de couro (-12,9%), madeira (-15,7%)

e vestuário (-4,9%). Por outro lado, alimentos e bebidas (6,5%) e meios de transporte (5,4%) foram os impactos positivos mais relevantes.

Ainda no indicador mensal, os locais responsáveis pelos principais decréscimos no cômputo geral foram Rio Grande do Sul (-8,2%), região Nordeste (-3,2%) e Paraná (-4,5%). Na indústria gaúcha, a maioria (quatorze) dos dezoito segmentos pesquisados diminuiu o número de horas pagas, com destaque para calçados e artigos de couro (-18,8%), máquinas e equipamentos (-12,6%) e outros produtos da indústria de transformação (-12,5%). Na região Nordeste, treze das dezoito atividades tiveram desempenho negativo, cabendo os principais impactos a calçados e artigos de couro (-9,2%), alimentos e bebidas (-3,1%) e vestuário (-5,0%). No Paraná, madeira (-24,0%) e outros produtos da indústria de transformação (-17,2%) sobressaíram entre as onze atividades que apresentaram queda. Entre os locais que assinalaram resultados positivos, Minas Gerais (5,5%) e São Paulo (1,2%) foram os destaques. Em Minas Gerais, alimentos e bebidas (15,0%) e produtos de metal (17,4%) exerceram as maiores pressões positivas entre as onze atividades que aumentaram o número de horas pagas. Na indústria paulista, alimentos e bebidas (12,3%) e meios de transporte (5,7%) tiveram os principais impactos positivos no índice global.

O indicador acumulado no ano, frente a igual período de 2004, assinalou crescimento de 0,9% no número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, com desempenho positivo em nove locais e em oito setores industriais pesquisados. No corte regional, as maiores influências positivas vieram de São Paulo (2,3%), Minas Gerais (4,9%) e região Norte e Centro-Oeste (3,2%). Por outro lado, Rio Grande do Sul, com decréscimo de 7,0%, e Rio de Janeiro (-1,9%) figuram com as pressões negativas mais relevantes. Em termos setoriais, os principais acréscimos no total do país vieram de alimentos e bebidas (7,3%), meios de transporte (9,3%) e produtos de metal (6,0%). Em sentido contrário, calçados e artigos de couro (-12,0%) e madeira (-9,0%) foram as maiores contribuições negativas.

Por fim, o indicador acumulado nos últimos doze meses, embora continue assinalando resultados positivos, mostra trajetória de desaceleração, passando de 1,7% em outubro para 1,2% em novembro.

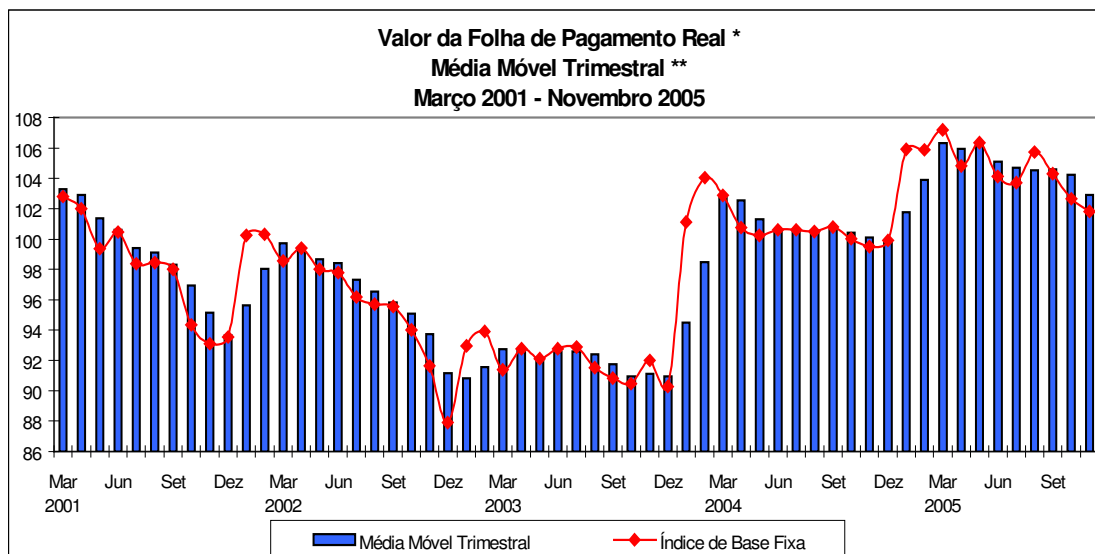


Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

FOLHA DE PAGAMENTO

Em novembro de 2005, o valor da folha de pagamento dos trabalhadores da indústria, na série livre de influências sazonais, recuou 0,8% em relação ao mês de outubro, queda menos acentuada que a registrada na passagem de setembro para outubro (-1,6%). Vale destacar que este é o terceiro resultado negativo neste tipo de comparação, com o índice acumulando uma perda de 3,7% neste período (novembro 05/agosto 05). Entretanto, nos demais indicadores, os resultados prosseguem positivos: 2,2% em relação a novembro de 2004, 3,7% no acumulado no ano e 4,4% no acumulado nos últimos doze meses.

A redução real na folha de pagamento entre os meses de outubro e novembro é confirmada pelo indicador de média móvel trimestral, que mostra perda de 1,3% entre os trimestres encerrados em outubro e novembro.



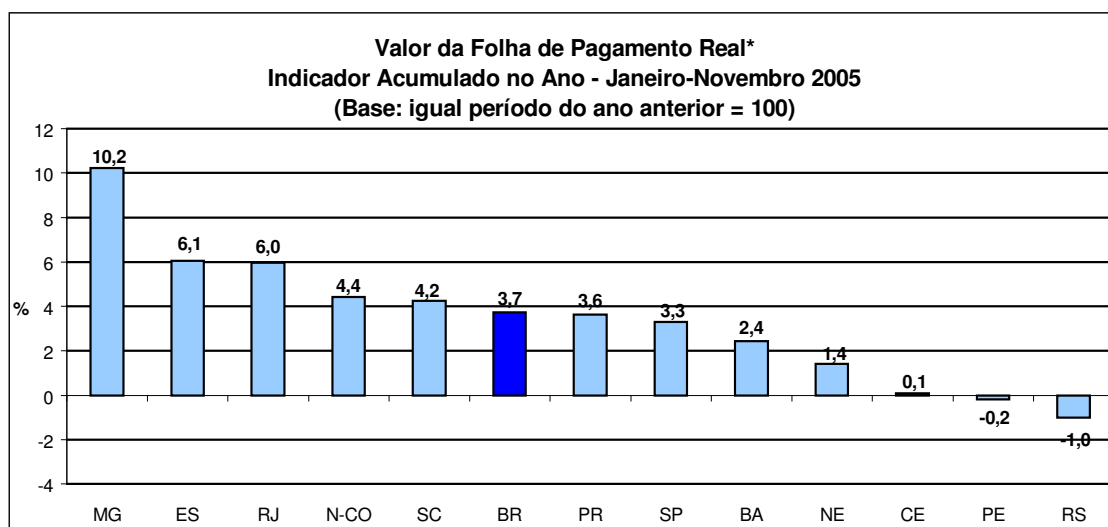
O indicador mensal mostra que o valor real da folha de pagamento cresceu 2,2%, com taxas positivas em dez dos quatorze locais pesquisados. A principal influência positiva veio de São Paulo (1,8%), devido, principalmente, aos ganhos salariais observados em alimentos e bebidas (26,1%). Vale citar também, em menor medida, Minas Gerais (5,4%), em virtude, sobretudo, de metalurgia básica (11,9%), produtos químicos (16,0%) e produtos de metal (13,1%); e Rio de Janeiro (5,8%), em função de alimentos e bebidas (29,9%), indústrias extrativas (10,4%) e máquinas e equipamentos (18,1%). Entre os locais que assinalam queda, Rio Grande do Sul (-2,0%), em virtude da redução observada em calçados e artigos de couro (-16,7%), exerceu a principal pressão negativa.

Ainda neste tipo de comparação, em termos setoriais, houve aumento real na folha de pagamento em dez dos dezoito setores industriais investigados. As maiores contribuições positivas vieram de alimentos e bebidas (13,6%), produtos químicos (3,7%) e metalurgia básica (5,7%). Em sentido oposto, as principais pressões negativas foram observadas em borracha e plástico (-6,4%), calçados e artigos de couro (-11,3%) e madeira (-10,8%).

O indicador acumulado no ano, frente a igual período de 2004, avançou 3,7% no valor real da folha de pagamento, com incremento em doze dos quatorze locais pesquisados. As

principais influências positivas vieram de São Paulo (3,3%) e Minas Gerais (10,2%), com destaque para as contribuições vindas de alimentos e bebidas (18,0%), meios de transporte (7,0%) e máquinas e equipamentos (6,8%) na indústria paulista; e de produtos de metal (49,1%), metalurgia básica (11,8%) e meios de transporte (11,7%), em Minas Gerais. Por outro lado, Rio Grande do Sul (-1,0%) e Pernambuco (-0,2%), por conta, respectivamente, de calçados e artigos de couro (-16,0%) e alimentos e bebidas (-5,0%), foram os únicos locais que registraram perdas salariais.

Ainda neste tipo de comparação, em termos setoriais, houve ampliação na massa salarial em treze das dezoito atividades investigadas. Para a formação da taxa geral, as contribuições positivas mais relevantes vieram de alimentos e bebidas (10,6%), meios de transporte (7,6%) e máquinas e equipamentos (6,8%), enquanto papel e gráfica (-5,4%), calçados e artigos de couro (-9,0%) e minerais não-metálicos (-5,4%) foram as principais pressões negativas.



Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria

*Deflacionado pelo IPCA - IBGE

Na análise do indicador acumulado nos últimos doze meses, a folha de pagamento real prossegue com taxa positiva (4,4%), porém mantém clara desaceleração no ritmo de crescimento nos últimos meses: 6,0% até agosto, 5,6% até setembro e 4,9% até outubro.